

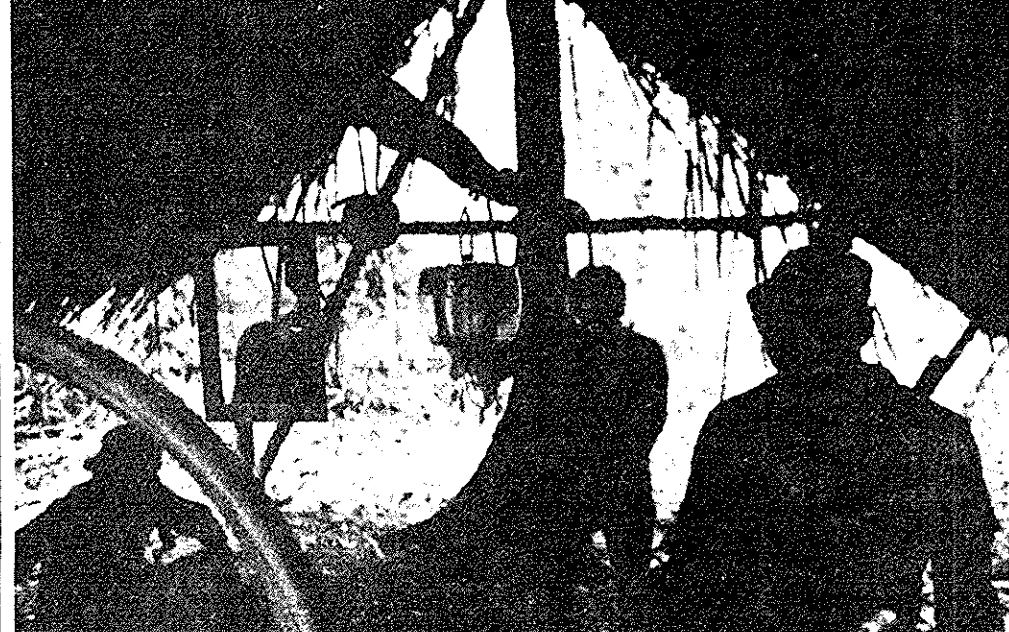


À PROCURA DOS ARARAS

Separada pela Transamazônica, esta perigosa tribo entrou num processo de desintegração e corre o risco de desaparecer. E a Funai, agora, está tentando entrar em contato com estes índios. Por Adriana Mattoso.



A aldeia abandonada, ainda com sinais de habitação. (Foto de Andrea Tonacci)



O rancho com os presentes: caldeirão, rede, peneira, espelho e barbante.



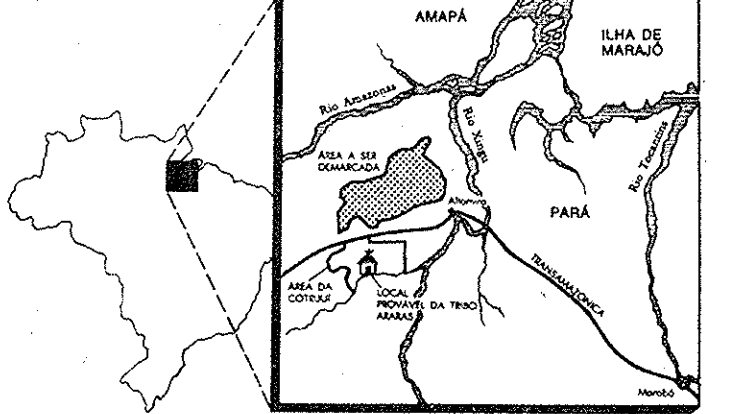
O sinal: aqui o branco não pode passar.



O tapiri, feito de babaçu.



No caldeirão, a "amizade".



A área de atuação da "Frente Arara"

Adriana, acompanhando tudo.

Apenas uma matéria separa Adriana Mattoso do diploma de arquiteta pela USP, mais ela diz que não resistiu quando um amigo apareceu em sua casa e contou que iria para a Amazônia, acompanhando Andrea Tonacci, cineasta encarregado de documentar o trabalho da "Frente de Atracção dos Índios Araras", montada pela Fundação Nacional do Índio-Funai. Subitamente fascinada, ela perguntou: "Não posso ir com vocês, para fotografar?". Dias depois o amigo lamentava que outros compromissos não o deixariam ir. E ela, enquanto isso, arrumava suas coisas e se juntava à expedição.

Ela voltou há poucos dias de lá. Como todos os membros da equipe, satisfeita em ter encontrado um mero sinal dos tais índios araras — "um pedaço de pau fincado no chão", como ela própria diz.

Mas o que leva uma moça de 24 anos a deixar tudo, todo o conforto permitido pela maior cidade da América do Sul, por uma rede no meio da maior floresta do mundo, com seus bichos, seus mosquitos, seus perigos? Por que se juntar a uma equipe de homens que vagueiam pela mata atrás de uma tribo da qual só se conhece praticamente os seus sentimentos de ódio contra o homem branco?



Adriana: "Vou até onde der."

Adriana ri: — Quem me conhece, não fica espantado.

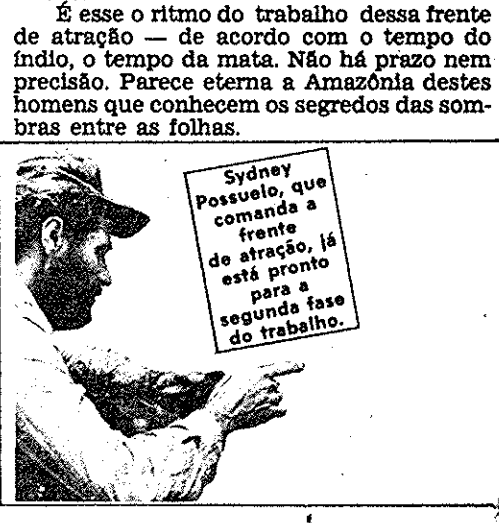
E continua rindo quando diz que não vê a hora de voltar para o acampamento, montado a 30 quilômetros ao Norte da Transamazônica, na altura do quilômetro 80 no sentido Altamira-Itaituba. Só então explica que o seu interesse de repórter é natural: — Acho que foi essa convivência especial, com gente simples, com mateiros e sertanistas, com índios, essa maneira de viver que se está acabando — foi isso o que me atraiu. Daqui a 20 anos eu poderei viver essa experiência? Não sei. Então, vivo agora, e gosto de entrar em contato com esse Brasil diferente, o Brasil original.

Claro, Adriana sente falta de algumas coisas. Dos amigos, por exemplo. Do frio. E

também de frutas e verduras: é vegetariana. "É meio difícil, pra mim, ficar comendo carne de paca, tatu, jaboti, essas coisas, mas quando a gente está metida numa frente dessas tem de aceitar tudo. Só assim, inclusive, o pessoal me aceita no meio deles, e eu tenho que me impor como mulher. Sou a única entre eles." Em todo o caso, diz que está aprendendo um pouco da vida na selva e que o sacrifício vale a pena: — Outro dia um mateiro comentava: "Fra viver no mato, o homem só precisa de uma arma, de um facão e de um pouco de farinha." E na verdade é só isso o que é preciso, mesmo. Num instante, eles montam uma verdadeira casa no meio do mato, tudo com paus e cipós. O universo inteiro é o mato. Por isso é que o índio — e agora eu bem que sei disso — pratica tantas técnicas de guerrilha para se defender. É outro mundo.

Apolada pela família — o pai, quando soube que ela ia morar numa rede, no Amazonas, deu-lhe a rede de presente —, Adriana diz que não está satisfeita em manter um contato tão "distante" com os araras. Quer vê-los de perto. Por isso vai voltar nos próximos dias.

— Eu vou ficando até onde der.



Sydney Possuelo, que comanda a frente de atracção, já está pronto para a segunda fase do trabalho.

Um mês inteiro abrindo caminho na mata para encontrar apenas isto — um pedaço de pau fincado no meio de uma picada aberta pela própria equipe. Mas é o caso de se alegrar: é este o primeiro sinal de que a guerreira tribo dos araras continua viva, vagando pela mata de um lado para outro, talvez até mesmo rondando de perto os movimentos dessa equipe que anda à sua procura.

Um exame mais detalhado, no entanto, vai deixar o sertanista Afonso Alves um pouco triste. Aquele pedaço de pau — ele não tem dúvidas — significa que os índios não querem manter nenhum contato com esta frente de atracção montada pela Funai, ou melhor, quer dizer que os índios determinaram aquele ponto como uma espécie de limite de seu território, onde é vedada a entrada de estranhos, sejam da Funai ou de outras tribos.

— Daí para a frente pode ter estrep (uma pequena lança feita de talo de babaçu escondida pelos índios no meio das plantas), trincheiras, tocaias, tudo — lamenta ele. Se seguirmos, estamos arriscados a ser flechados. Melhor voltar e esperar.

Exagero? Não: Afonso, 47 anos, chefe da "Frente Arara", há dez anos vem tentando manter um contato com esta tribo, e por essa mesma época, no ano passado, foi flechado no peito, quando andava atrás do maior grupo desses índios, ao sul da Transamazônica (altura do quilômetro 120). Conhece, portanto, todas as reações destes índios, com os quais quer estabelecer contato, de qualquer modo, para então se aposentar.

OS CONFLITOS

Mas, na verdade, desde o início do século é conhecido o território tradicional dos índios arara. Eles habitam uma extensa região entre os rios Penetecaua e Jaraucu, ao norte do Amazonas, e diversas vezes foram vistos nas margens dos rios Iriri e Xingu, onde vinham "mariscar" (pescar).

O sertanista conta que all eles chegaram a manter contato pacífico com o homem branco, mas por pouco tempo: em 1943 mataram por vingança um fazendeiro, e desde então não quiseram se ajustar à vida longe da selva. Consta que um fato contribuiu decisivamente para isso: em 1969 uma turma de "gateiros" (caçadores de onça) teria matado 12 araras deixando açúcar envenenado de presente para eles.

A abertura da Transamazônica em 1970 foi outra agressão contra a tribo, de acordo com os sertanistas, pois separou pelo meio o seu amplo território e dividindo os índios em dois grupos, o maior deles ao Sul da estrada, na várzea do rio Iriri. (Veja o mapa)

Então, em contrapartida, em 1973 a tribo matou diversos gateiros. Três anos mais tarde, três engenheiros da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais—CPRM também não conseguiram concluir as pesquisas que faziam no território dos araras. Eles desrespeitaram as flechas quebradas deixadas na região pelos índios — um alerta de que estavam invadindo suas terras — e assim tiveram seus corpos retalhados por eles.

Ao resgatar os corpos, a Funai lembrou que, segundo a tradição da tribo, os invasores da terra teriam a pele de seus rostos esticadas em varetas, e os ossos de suas pernas seriam transformados em flautas, que seriam guardadas como troféus de guerra. Isso, contudo, não aconteceu nem nesta nem noutra ocasião, em 1977, quando eles atacaram a fazenda "Maracajá", matando um morador e destruindo as casas dos colonos.

TERRITÓRIO AMEAÇADO

A equipe que procura agora reatar contatos com os araras entende que eles se revoltaram contra o branco e passaram a evitá-lo precisamente a partir de 1974, quando o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-Incra vendeu uma área de 400 mil hectares que eles consideravam de sua propriedade para a Cotrijuí-Cooperativa Tríticula de Ijuí, do Rio Grande do Sul, por Cr\$ 23.729.000,00. Esta área ficaria justamente no setor de maior concentração da tribo (aproximadamente umas 100 famílias), que foi "empurrada para o Sul do seu território com a estrada e a consequente colonização de terras adjacentes à Transamazônica" — conforme explica Sydney Ferreira Possuelo, coordenador da frente de atracção.

A Transamazônica, diz ele, passou a apenas três quilômetros da aldeia, e com isso os araras abandonaram-na imediatamente, não mais se rendendo aos métodos de atracção usados em 1972, 73, 76, 78 e 79. Ou seja, as expedições deixavam presentes próximos às novas aldeias e os índios os recolhiam alguns dias depois, mas não ficavam por lá. E quando os mateiros tentavam-se aproximar, eram atacados.

Até agora cinco integrantes da frente de atracção já foram flechados — embora nenhum deles tenha morrido.

Mas, segundo Sydney Possuelo, que já foi diretor dos parques do Xingu e do Araguaia e é considerado um perito em aproximação com índios arredios, os araras não poderiam ter agido de outra forma:

— Até hoje a Funai só tentou encontrá-los quando houve necessidade de penetrar em seu território para dar curso aos grandes projetos da sociedade nacional. A frente de atracção só fez dar cobertura à abertura de estradas, picadas e serviços topográficos, sendo portanto conduzida por interesses estranhos à proteção dos índios. É preciso corrigir esses erros e omissões do passado, principalmente no que se refere às suas terras, cujas delimitações não podem ficar subordinadas aos interesses dos civilizados.

O TRABALHO ATUAL

Com base em Altamira, no Pará, a equipe atual da frente de atracção conta com 40 homens experimentados, divididos em dois postos de vigilância e uma equipe avançada, que fica próxima às aldeias. São ex-seringueiros, ex-gateiros (alguns já flechados pelos araras em outras expedições); cinco índios do parque do Xingu contratados pela Funai para servirem de intérpretes; um índio arara chamado Ananu, que foi criado por brancos mas que ainda consegue falar a língua de sua tribo; e diversos sertanistas, que comandam as operações — Sydney Possuelo, Wellington Figueiredo e Afonso Alves.

Nesta nova tentativa de contato, a estratégia estabelecida é a de que, havendo aproximação pacífica, o grupo seja levado para o sul da Transamazônica, onde está o grupo maior. Daí a tribo poderia ter suas terras demarcadas e estaria a salvo de contatos indesejáveis com outros brancos.

Estas terras, imagina Possuelo, poderiam ser localizadas, inclusive na região que está sendo percorrida pela frente, que é três vezes maior que a do Sul e que, ao contrário daquela, não corre o risco de ser inundada pela hidrelétrica do Xingu. Um requerimento neste sentido já está sendo enviado ao Incra e à Funai por Possuelo.

A idéia básica, enfim, é reunir os dois grupos de araras separados pela estrada e agora em rápido processo de desintegração.

O primeiro acampamento da frente foi instalado às margens do rio Penetecaua, a 25 quilômetros da Transamazônica. Depois de uma incursão à mata em busca de sinais dos índios, foi feito um sobrevôo pela área para localizar as aldeias com maior precisão. No dia 18 de maio, finalmente, partiu uma equipe de oito homens para efetuar o contato. Eles passaram cinco dias na mata.

O relato do mateiro Milton Lucas, 58 anos de vida na Amazônia, flechado em 77 pelos araras ao sul da Transamazônica:

— Era o dia inteiro rompendo mata, rasgando trilha. Mas a gente já estava lá adiante e não via nenhum sinal deles. Então achamos que haviam ficado para trás e assim acabamos encontrando uma casa toda coberta e fechada de folhas de palha (babaçu). Tinha farinha peneirada, rol de mandioca, rede de imbirá. Panela nós não vimos, mas facão e machado a gente sabe que eles têm, porque há muitos anos a Funai deixou objetos para eles, que eles ainda conservam.

— Tinha até um fogo apagado com água — lembra Milton. Mas a gente já estava lá adiante e não via nenhum sinal deles. Então achamos que haviam ficado para trás e assim acabamos encontrando uma casa toda coberta e fechada de folhas de palha (babaçu). Tinha farinha peneirada, rol de mandioca, rede de imbirá. Panela nós não vimos, mas facão e machado a gente sabe que eles têm, porque há muitos anos a Funai deixou objetos para eles, que eles ainda conservam.

— Outras casas foram localizadas nas proximidades, conta Milton, e uma delas era maior que as outras. Ficava junto de uma roça de batata e em seu redor havia tapiris, armadilhas, estrepes afiados.

— Nestes estrepes, dois índios — Carabá Tixião e Pinumim Cajabi — cortaram os pés, mesmo sendo eles os que mais conhecem as artimanhas preparadas pelo caminho pelos araras.

— Índio arara vem aqui de noite espiar o acampamento. Joga pau, coco... imita mutum, catitu... e não deixa rastro. Eu já fui índio brabo, fazia assim também. Por isso eu sei — conta Pinumim.

"Seu" Milton continua: — Eles andaram mesmo ao redor da gente, lá perto das aldeias. Ouvimos uns passarinhos diferentes durante o dia e eram os araras, eles têm esse costume de imitar passarinho. E eu acho que estiveram também aqui nas margens do Penetecaua. Deixaram rastros num dos lados do Igarapé...

Nesse momento Afonso Alves interveio: — Na mata vimos mesmo o rastro deles, em volta do acampamento. Agora, aqui eu posso estar enganado — diz, olhando para o chão. — Parece o rastro da onça que a gente tinha visto.

"Seu" Milton não concorda: — Índio às vezes dobra o pé quando anda. Parece animal.

Os dois índios confirmam. **SINAL POSITIVO**

A esta altura, a frente de atracção já pode fazer um balanço de suas atividades. Por exemplo: em todos os locais visitados pela expedição foram deixados presentes (principalmente facões e redes). O tapiri mais próximo fica a pouco mais de 25 minutos do acampamento e ali se construiu um bom rancho. Ali também foram penduradas redes, caldeirões, espelhos, barbantes, penas e foi aberta uma picada larga até o acampamento.

Resultado: na segunda visita ao tapiri, no último dia 8 de junho, havia um rolo de barbante jogado no chão e um sinal de repúdio na picada mais à frente — cipós fechando a passagem. Junto a este sinal foi deixado um caldeirão pelos indigenistas, que é o sinal de amizade.

Encontrar este sinal, mesmo que represente um repúdio, foi bom, na opinião de Wellington Figueiredo, responsável pelo contato com os índios guajá, no Maranhão. Segundo ele, este sinal indica também que os índios não querem fugir dali, não pretendem abandonar as aldeias para evitar o contato.

— Isto é positivo — diz ele. — Seria muito difícil localizá-los se eles entrassem mais pra dentro da mata. Mesmo porque se eles forem muito para a frente já encontrarão novos sinais de colonização.

SEGUNDA FASE

Enquanto aguarda que os araras apanhem os presentes, o sertanista Sydney Possuelo já está cuidando da organização da segunda fase do trabalho: montar novo acampamento na margem direita do rio Iriri, a três dias de barco de Altamira. Ali espera ficar por um longo período, esperando que os araras se aproximem.

— Não posso esperar que este pequeno grupo chegue até nós para iniciar a segunda fase — explica ele. — Eles podem demorar uma semana, um mês, seis meses... Já contatei índios arredios antes e sem intérpretes da mesma tribo.

O ACAMPAMENTO

A vida no acampamento Penetecaua é trabalhosa, mas de certo modo é tranqüila também. Cada um tem a sua rede, armada entre as árvores, sob um plástico, e envolvida por um bizarro mosquiteiro. O trabalho maior é melhorar as picadas, limpar o mato em volta do acampamento, transportar os mantimentos nas costas, construir ranchos para a cozinha.

Ainda assim, os mateiros encontram tempo para conseguir carne fresca (paca, tatu, cotia, porco do mato) e alguns estudam em livros do Mobrall. Os índios fazem bichinhos de coco de babaçu, que penduram em colares ou pulseiras que fazem com barbante. Todos os mateiros já ganharam a sua: — É para dar de presente para o arara, no dia do encontro. A gente tira do peçoço e dá para ele, para mostrar que é amigo.

As noites são quase sempre dedicadas a histórias simples, de índios e de caçadas, de onças, essas coisas. Só quando um pau esta mais forte ou alguma coisa se mexe no mato é que as lamparinas se apagam e todo mundo fica calado, prestando atenção, imaginando a chegada dos araras.

— Não se pode nem focar a lanterna nem acender um cigarro porque o índio flecha na direção da luz — observa o mateiro Darulche.

É esse o ritmo do trabalho dessa frente de atracção — de acordo com o tempo do índio, o tempo da mata. Não há prazo nem precisão. Parece eterna a Amazônia destes homens que conhecem os segredos das sombras entre as folhas.